IMPRESSÕES DO MAR

Mariano Lopes

2014

DEDICATÓRIAS E AGRADECIMENTOS

Gostaria em primeiro lugar de agradecer a todos os professores da minha vida, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram com a sua sabedoria e a sua paciência para a minha formação, que acreditaram sempre no meu potencial e que eu poderia ser algo mais do que eu próprio conseguia enxergar. Sem esse conhecimento, sem esse esclarecimento, eu nunca teria chegado aonde cheguei nem teria sido o que tenho conseguido ser.

Gostaria de agradecer aos meus pais, os meus primeiros formadores e que me trouxeram a este mundo, propiciando as condições e as faculdades para que eu pudesse crescer e conhecer. E à minha esposa, Karina, pelo apoio dado para que este primeiro livro saísse do papel.

Dedico este livro às minhas filhas, Sophia e Inez, os tesouros da minha vida, porque o amor é um tesouro por desvendar.

Dedico este livro à minha mulher Karina, a eterna companheira da minha vida e inspiradora dos meus pensamentos, porque a cumplicidade dos sentimentos é o fermento do amor.

Introdução

Esta é a minha primeira obra publicada, experiência primeva que espero frutificar em mais obras, assim eu tenha Engenho e Arte. Como toda a primeira vez, é mais o fruto do empenho e de luta do que auge da perfeição. Outras obras virão, assim espero, com maior elaboração e arvorando melhor mestria.

Fala da minha relação com o mar, o vínculo estreito com o oceano que desde sempre me acompanhou, de Luanda, a cidade onde nasci, passando por Lisboa, a cidade onde vivi grande parte da minha vida juntamente com Cascais, até Recife e Tamandaré, onde vivo na atualidade, dividindo o meu tempo por ambas as cidades. Fala também da estreita relação que há entre estes três locais, distribuídos em três continentes, e da interação que existe em e entre cada um deles.

Divide-se em duas partes: ***Mar de Dentro***, que revela o mar que há em mim, um mar que não traz ondas para rebentar e onde não há o leve marulhar para embalar, mas que mescla uma parte em prosa e outra em verso e descreve o que penso e sonho na vida, em líricos devaneios ou em retratos subjetivos do que vivi; e ***Mar de Fora***, que ao contrário, é a parte narrativa que descreve as minhas diferentes impressões com o mar, seja a mergulhar, seja nos passeios por portos e marinas ou de outra forma, tendo sempre como pano de fundo o imaginário marinho que me acompanha desde o nascimento.

Espero que os leitores se revejam nestas impressões e sonhem com o mar que há dentro de cada um de nós...

"Mariano Lopes"

Mar de Dentro

Mar De Dentro

A Via

Lembra-te sempre que és
O melhor de todos e que sobre todos
Triunfarás.

Não tenhas como amigo alguém
Que não seja pelo menos
tão bom quanto tu és.

Faz do teu conhecimento a permuta
De muitos outros conhecimentos
E aprende do nada.

Não receies cultivar a sabedoria;
Tudo o que tiveres ensinado
Receberás em triplo conhecimento.

Ergue-te do destino ou sob ele vacilarás;
Aquele que caminha não ousa defrontar
O desconhecido, apenas se desvia.

Que a tua vida seja sempre
Uma candeia acesa sobre os demais;
Que o teu comportamento reflita poder.

Lembra-te sempre que a pedra no caminho
É um sentido para o teu destino;
Faz da dor um princípio de amor.

No mais, és pó na berma da estrada,
És o caminhante, sem princípio nem fim.
Só a Via É Eterna.

Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ

Eu sei que não sou Deus, mas estou a chegar lá. Eu gostava de ter o dom de avaliar as pessoas pelo seu comportamento e não apenas pelo seu pensamento, como gostava de avaliar as coisas pelas ações e não somente pelas situações em que incorrem. Não ter apenas o poder da sabedoria ou a sabedoria do poder, nem o talento da riqueza nem riqueza de talento, ter sim o cognoscitivo momento de saber tudo numa vaga ideia.

Como eu gostava de poder sonhar os encantos que há em existir, poder amar, poder sentir as refrações de um dado sentimento em meu porvir, como um caleidoscópio de emoções fragmentadas para poder sentir como é bela a vida quando nela nos achamos mais do que meros intérpretes. Como é belo poder amar retalhos de sensações à luz do luar, poder fugir à vaga sensação do mar que desliza a nossos pés. Eu sei que não sou o absoluto, mas gostava de ser tudo. Todavia, vivo a inconsistência do quotidiano como quem se lança à aventura numa frágil barcaça, julgando-se inafundável. A ironia do destino mata a preguiça da arrogância. É fácil levarmo-nos por maus caminhos; difícil é aventurarmo-nos pelos caminhos do conhecimento porque jamais figuram no mapa das nossas ideias.

Perambulo saltitante os passos da vida, vejo os desfechos se iluminarem no preâmbulo, estórias sem fim nem coragem, personagens sem rosto, sem argumento, apenas ardil.

Sou um leitor do mundo, vejo surgirem em mim cenários futuros que se antepõem ao presente e me traduzem a leitura dos fatos, um longo desenrolar de antanho que perpassa o presente e deságua no futuro. Sou um oráculo dos tempos, dos tempos que se professam ausentes no devir, mas que um dia já foram presentes e se fizeram existir porque tudo na vida se há de um dia repetir, porque tudo na vida se há de um dia acreditar passado.

Perambulo hesitante os fatos da vida, vejo surgirem perante mim os panoramas incomensuráveis de um destino sonhador. O céu se ilumina e traz a benção do mundo, de um universo de gente que se espalha, como as estrelas se afugentam no Universo depois do último *big-bang*.

Ergo o meu olhar e é como se o passado me revisitasse, me revisse em cada ato, em cada fato do presente. Fecho os olhos e tento esquecer o futuro, um futuro que é tão feito de passado que, amiúde, me confundo e vejo surgirem no horizonte os passos trazidos da infância, de uma adolescência conturbada, de uma existência perturbada. E, caminhando, eu arrasto as sombras do futuro que, chegando antes de mim, se instalaram no presente, à espera do meu passo apressado, da minha caminhada fugaz para fugir ao destino de outrora.

Perambulo errante os espaços da vida, como se caminhasse ao contrário, os opostos das emoções, dos imensos e fragilíneos momentos da vida em que ousei sonhar e me aventurar, em que me lancei à aventura nas desventuras de um quotidiano que parecia nunca mais evoluir em desdobramentos do presente, em arrastados e infindáveis

dias de vazio, de angústia, de um nunca saber quando iria chegar o futuro. E, um dia, o futuro chegou...

Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ

Nau dos Tempos

Procuro no devir
Um sinal dos tempos,
Do que ainda há de vir.

O início ainda está por vir
E o futuro se insinua
Nas curvas da verdade nua
De um tempo destinado ao porvir.

O batel singra nas ondas vagas
E range a condição existencial;
Ergue-se, soberano, acima das vagas
Que transformam o elemento vital
Em mitos, lendas e sagas.

Eu procuro a luz que arde
No elemento puro infinito;
No espaço onírico que invade
O ser que se acha no sentido.

Tudo o que é grande se acha na tempestade
E no sonho de fazer o mito.

Cessa toda a valente condição
Quando no ser um algo há de
Trazer etéreo o ser e a razão
Sobre a catarse pura da vontade.

Ao homem, o saber e a evolução
Da grandeza, da luta, eternidade
Em que se acha tamanha solução.

Vejo surgir dos elementos
Uma figura assaz altaneira
Que me remete aos idos Tempos,
Igrejos tempos, Luz derradeira
Que a História guardou como momentos
Da memória coletiva passageira.

Sentinela do tempo passado,
Efígie do saber que se constrói,

Por quem se curva o fato,
Em quem se lapida o herói,
Consumado no devir transformado.

A tempestade formou a História,
Em fatos e lendas, ideias.
O saber forjou, em gerações, a memória
Da cultura que corre nas veias.

Só o batel segue o seu destino
À espera do início que se aproxima,
Inevitável consequência do divino.

Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ

Escrever liberta-me o espírito de preocupações que no quotidiano vão e vêm, atrofiando o necessário esclarecimento para ultrapassar tais fases de turbulência; escrever implica projetar no amanhã as inquietações do presente, esconjurando este e dando novas perspectivas àquele. É igualmente um exercício mental que envolve a lógica, a retórica e a imaginação; por vezes, o resultado não é o melhor nem tão-pouco o mais importante. O fundamental, isso sim, é a prática que, se hoje renega o talento, amanhã o aguçará. Porque nenhum talento se desperdiça com o exercício frequente da escrita, antes o requer; por outro lado, permite-nos explanar e planificar melhor as secretas vontades que surgem assim desenfreadas no cérebro e necessitam de uma luz racional que as oriente. Por isso, escrever permite ver melhor de que maneira podem os nossos pensamentos ser conduzidos e quantificar os resultados obtidos. E alguns desses pensamentos, válidos a princípio, podem redundar apenas em obstáculos, contrapondo a ideia inicial. Nem sempre aquilo que temos em mente se revela uma boa ideia ou um pensamento bom; frequentemente, as boas ideias e os pensamentos bons estão obstruídos por falsas ideias e falsos pensamentos, sentimentos de ódio, vingança, receio, desejo e tudo o que inibe a mente do seu natural exercício: pensar. Por isso, ao escrever, solta-se a poeira e todas essas más ideias e esses pensamentos maus revelam-se apenas como algo desgrudado do verdadeiro sentido. Não deve nunca a razão esmagar o conceito da emoção, mas igualmente não deve esta ser testemunha de acusação da razão que age como o mais seguro instrumento do intelecto. Ao que escreve, deve ser a mão ou a máquina o único instrumento que flui

diretamente da mente para a superfície visual. Tudo o que reflita impulsos emotivos resulta unicamente em pedágios que inibem ou atrasam a marcha do pensamento. Quem escreve, deve ter sempre presente a ideia com que começou o texto, da mesma maneira que, ao terminá-lo, essa mesma ideia se tenha metamorfoseado em algo diferente, mas sempre enquadrado no processo evolutivo do que se inicia, do que se vai desenvolvendo e, finalmente, do que se conclui baseado nos pressupostos apresentados na introdução e no desenvolvimento. Escrever é mais do que explanar uma ideia ou um pensamento; é traduzir aquilo que sai de nós para que os outros, ao lerem o texto, sintam e entendam o objeto mental que formamos e desenvolvemos. Pois, tal como o vidreiro que molda o copo onde havemos de beber a nossa água, também o escritor deve moldar o cálice com que outros matarão a sua sede intelectual. Com clareza.

Escrever abre janelas no horizonte das ideias; é um exercício de contemplação, a invenção do tempo que se desdobra nas páginas e nas linhas, nas emoções e nos fatos que avançam com o tempo, mas parecem mergulhar em inusitadas dimensões, em impressões oceânicas de vida, partilhando as aventuras do conhecimento humano com as mentes inexploradas e ávidas de novos sentidos ao sentido que escrever transmite, como uma luz que se abre no escuro e revela campos abertos de sensações, de rumos desconhecidos, de uma sabedoria que era só um sonho, mas que se constrói na realidade. Escrever tem o sabor de um beijo que a memória nunca vai apagar, de uma experiência que nunca se vai desligar, de um sentimento que se perpetua nos outros.

Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ Ξ

BRAHMA [I]

Então, resolvi construir o mundo,
Farto de promessas e maldições.

Espalhei ideias sobre uma folha de papel,
Rabisquei algumas contemplações,
Decifrei o infinito das contrariedades
E, sobre todos os determinismos,
Desenhei o número 666 como princípio
De toda a Criação.

Tudo começava do nada como anti-nada
Do absoluto que me havia acontecido.
Inventei povos, inventei nações,
Mensagens e profecias, religiões,
Inventei o pecado.

Espalhei sobre um rosto de papel
As antíteses de todas as sínteses

E o meu mundo era a tese singela.
Fiz o inverso do reverso no anverso
Onde cabia mais que um universo,
O lado cúbico sem face nem dimensão
Cabia redondo em cima da face plana.
Desenhei em duas dimensões
O que antes coubera em três.
Porta aberta à 4ª dimensão, liberdade.

O meu mundo era som no silêncio
E em todas as curvas
Se inventava mais uma reta oblíqua.
O meu espaço era infinito,
Era medido numa escala infinitesimal,
E cabia na ponta dum alfinete.

Pois não é preciso ser grande
Para ser infinito.
É o Número, é o Número...
Nada Brahma, tudo é belo.

E o meu mundo era uma harmonia

Em que tudo funcionava

Como expressão natural de felicidade.

Havia uma definição facial do plano

E nenhuma aresta entrava em conflito com outra

Porque eram todas nível da mesma dimensão

E o meu mundo era uma harmonia.

Tudo desaparecia tal como entrava

E o cubo desaparecido na atmosfera

Era uma esfera acontecida no éter.

O porquê era justificação de resposta

E a questão deixada na dúvida

Desvanecia-se no ar, sem medo.

Tudo acontecia na lógica do inverso

Porque todo o objeto tinha seu irmão

O anti-lado da oculta existência

E juntos formavam o vazio absoluto.

Não era o nada, mas o anti-nada,

O que se esvai nos opostos.

E todo o rosto tinha o anti-rosto